

Plano Abortado

Segunda parte

Guilhermina chegara ao Departamento de Homicídios por volta das sete da manhã, mas foi obrigada a esperar uma hora até à chegada de Alexandre. A noite havia sido longa para o inspetor, que resolvera alguns detalhes relativos ao suicídio de Helena.

A vizinha dos Abreu entrou na sala número um e não tardou a falar.

-Não se aflija pois não me importei nada de esperar por si. Ontem à noite estava muito ansiosa e nem com o comprimido consegui adormecer, pelo que saí da cama ainda de madrugada. O que lhe quero contar é muito simples. Eu vi algo na noite em que o miúdo foi morto. Quer que lhe diga, não quer?

Alexandre, sonolento, tentava acompanhar Guilhermina.

-Claro. Claro que sim.

-Ouça, eu não sou do tipo de falar da vida dos outros. Sou muito diferente desse estilo de mulher.

O inspetor observava-a atentamente. O seu instinto dizia-lhe que Guilhermina era precisamente o tipo de mulher que adora falar da vida dos outros. “Coscuvilheira!”, pensou.

-A sério que não sou – continuou. – Como lá na rua não acontece muita coisa, é normal que um acontecimento destes seja falado na aldeia. Sabe, os Abreu são uma família muito simpática e sempre prontos para ajudar. Digo-lhes sempre “bom dia” quando estou a ajudar o meu homem na jardinagem ou quando nos cruzamos no supermercado da vila. Já estive para convidá-los para jantar lá em casa, mas o meu marido não é muito dessas coisas. Prefere que convide a família. Mas como estava a dizer, gosto muito deles e do menino. É uma riqueza de menino, pode ter a certeza. No outro dia vi que iam preparados para um piquenique. Disse logo ao meu marido que deviam ir ao parque da aldeia. Sabe, é um parque muito bonito a não mais de cinco minutos de casa. Costumo lá ir aos sábados à tarde para conviver com as minhas amigas enquanto o meu marido joga à sueca.

Alexandre coçou suavemente o olho esquerdo.

-Guilhermina, diga-me então o que viu na noite em que o Marco faleceu.

-Claro, claro – disse, acomodando-se melhor na cadeira. – Sabe, eu não durmo muito bem e por vezes necessito de um comprimido para descansar a noite inteira. Naquela noite acordei por volta das duas e quarenta da manhã e fui à casa de banho. O meu quarto fica na parte traseira da minha casa e a casa de banho do andar de cima no lado direito. Sei que o senhor já esteve lá na rua e sabe perfeitamente que a minha casa fica à direita da dos meus vizinhos, o

Gustavo e a Ângela, cuja casa fica mesmo em frente à dos Abreu. Portanto, da minha casa de banho não vejo nenhuma das outras duas casas. Mas foi da casa de banho que vi a Ângela. Ela passou a correr pelo lado direito da minha casa, vinda da estrada. Eu corri até ao quarto para acompanhar os seus movimentos e via-a correr pela parte traseira da minha moradia e entrar de seguida na sua, usando a entrada do lado da floresta.

Fez-se silêncio enquanto Alexandre apontava o que acabara de ouvir.

-Senhor inspetor... – prosseguiu. – Eu acho que ela o matou.

Os dois inspetores punham algumas das cartas em cima da mesa, sem terem contudo posse do baralho completo.

-O que me dizes das informações que temos, Diogo?

O assistente coçou o queixo numa expressão de reflexão.

-Há duas ou três vertentes nesta história que me deixam confuso. Por um lado, o suicídio de Helena...

-Posso confirmar-te que, segundo os dados que recebemos, se trata mesmo de um suicídio – confirmou Alexandre, interrompendo o colega.

-Muito bem. Sendo assim, algo me diz que ela o fez porque descobriu quem matou o filho ou porque foi a própria a fazê-lo e não conseguia lidar com a realidade. Por outro lado, as versões dos tios do miúdo não batem certo e esta última vizinha pode estar a inventar ter visto a Ângela para se defender a si ou até o marido.

-Temos de conversar de novo com o Jacinto e a Sandra. O discurso de ambos tem de fazer sentido. E algo me diz que o Jacinto sabe mais do que aquilo que nos disse.

A troca de opiniões foi interrompida por uma secretária jovem e elegante, que trazia nas mãos um envelope branco.

-Peço imensa desculpa, mas esta carta foi recebida há momentos e julgo ser do vosso interesse.

“De: Helena Abreu” suscitou o interesse dos inspetores, que se apressaram a abrir o envelope.

Garanto-vos que esta é uma decisão que tomei de forma demorada. Usei todas as minhas forças para resistir ao pior momento da minha vida, mas a ausência do meu filho representa uma dor que não consigo dominar. Saber que nunca mais o verei é algo com que não consigo viver e a razão principal pela minha decisão. Tenho consciência das consequências do meu suicídio e das questões que o mesmo levantará, por isso envio-vos esta carta para responder a uma só pergunta: matei o meu filho?

Ainda que não vos pareça evidente, claro que não o matei.

Votos de uma investigação feliz. Oxalá encontrem o(a) culpado(a); não pretendo fazer justiça com as minhas próprias mãos. h.a.

-Se tínhamos dúvidas, aqui está a prova do suicídio.

Jacinto e Sandra foram chamados ao departamento de modo a esclarecerem as incongruências que apareceram nos seus depoimentos.

Alexandre decidiu dirigir o interrogatório. Sandra já esperava na segunda sala.

-Sandra, os nossos pêsames pela morte da sua irmã. Tem sido um período difícil para a sua família e acredito que estar aqui não seja o que realmente quer, mas precisamos de resolver alguns aspetos do seu depoimento.

A tia de Marco assoou o nariz e limpou as lágrimas antes de falar.

-Não há problema. Eu estou bem.

-Muito bem – continuou Alexandre. – A minha pergunta é muito simples, mas peço-lhe que pense bem na resposta que nos vai dar. Tudo o que nos disse na primeira vez que aqui estive é verdade?

Sandra manuseou o lenço de papel que tinha nas mãos.

-Não, inspetor. Peço imensa desculpa por isso, mas foi uma decisão tomada para tentar proteger aqueles que amo. Eu sei da inocência do meu marido, mas não tinha provas que confirmassem o que realmente aconteceu.

-Pode então contar-nos o que realmente aconteceu?

-Bem, o relógio marcava 02:37 quando acordei de um pesadelo imenso. Uma jiboia perseguia-me num campo de milho, veja bem. Acordei precisamente no momento em que ela me comia viva. Deus nosso Senhor, até me arrepio ao contar-lhe isto – disse, mostrando a pele de galinha visível no braço direito. – Portanto, quando acordei notei que o meu marido não estava na cama. Apressei-me a ir à procura dele, com receio de que tivesse uma crise. Encontrei-o na cozinha, a urinar na banca. Fui ao seu encontro a correr, murmurando que havia loiça a secar na banca e que o que ele fazia era errado. Notei de seguida que ele estava num mundo à parte. Deixei-o terminar, passei rapidamente a loiça por água e levei-o para o quarto. Voltei a adormecer e só acordei de manhã.

O inspetor anotava todos os detalhes.

-Volto a dizer que o meu marido não faria nada de mal ao menino.

-Se tem tanta certeza disso, por que razão não nos contou a verdade? – retorquiu Alexandre.

-Eu conheço-o; vocês não! De que forma vos poderia provar a sua inocência?

-Obrigado pelo seu tempo, Sandra. Se houver mais algum detalhe que lhe esteja a escapar, contacte-nos de imediato.

Seguia-se Jacinto, que esperava Diogo e o seu chefe na primeira sala.

-Como está, senh...

-Eu vi uma mulher – interrompeu. – Regressei a casa depois de aqui ter estado no outro dia e tentei estabelecer todos os meus passos naquela fatídica

noite. Ainda há pontas soltas, devo confessar, mas agora tenho a certeza de que estive na cozinha e vi pela porta entreaberta uma mulher, loira, sair de casa com algo ao colo, talvez um corpo. Parecia... parecia a minha mulher. Mas não pode ser ela. Ela ama o sobrinho.

-Portanto, deixe ver se entendi. O senhor foi à casa de banho, depois à cozinha e foi aí que viu esta mulher carregar o que parece ser um corpo?

Jacinto anuiu. Sentia-se pessimamente por quase denunciar a esposa. Alexandre tentou insistir num detalhe importante.

-Poderia ter sido Helena Abreu a mulher que o senhor viu naquela noite? A sua mulher e Helena têm ambas cabelo loiro e praticamente a mesma estatura, pelo que é relativamente fácil confundi-las num ambiente de pouca luz.

-Espera aí... – disse, pensativo. – Eu ouvi água a correr. Sim, lembro-me de ouvir água. De onde viria a água?

-Da banca da cozinha?

-Mas... eu ligara a torneira? Não faz sentido.

-Senhor Jacinto, a sua esposa disse-nos que o encontrou a urinar para a banca da cozinha e ela tentou passar a loiça por água antes de o levar para o quarto. Foi talvez nesse instante que o senhor se encostou à porta da cozinha e viu essa tal mulher. O que lhe estou a dizer ajuda-o a lembrar-se mais lucidamente desses momentos?

A mente de Jacinto já lá não estava. O interrogatório foi encerrado.

Poucos minutos depois, os comentários diversificavam-se no corredor.

-Estou convencido de que foi Helena quem o matou – rematou Diogo.

-É uma hipótese, mas neste momento pode ter sido qualquer um deles. Até os vizinhos são suspeitos.

-Não acho que nenhum deles tivesse algo contra a criança.

-Tens razão, podem não ter nada contra a criança, mas talvez contra os pais – pausou. – Conseguiste falar com a professora do Marco?

-Vou encontrar-me com ela esta tarde. Telefonar-te-ei assim que terminar.

Pouco passava das dezassete horas quando o telemóvel de Alexandre tocou. Era o assistente.

-Diz, Diogo.

-Não vais acreditar no que consegui obter.

-Sou capaz de não acreditar, mas tens de mo dizer.

-Estive a conversar com a professora do Marco, que me indicou o nome do seu melhor amigo, o Flávio. Este deu-me um caderno com um plano bem delineado: o Marco ia matar os pais esta semana.